



O Lugar da Oratura na Revista Reportagensaió: um Flagrante de Folkcomunicação¹.

Prof. Dr. Raul Osório Vargas²
Universidade de Uberaba, MG.

Resumo

Como é o processo de produção do ato de narrar para criar a reportagensaió? Aqui são descritos e analisados os métodos de construção dos folkcomunicadores; e especialmente o trabalho mediador entre oratura e escritura. É uma pesquisa que dialoga com o saber, a oratura das pessoas e as teorias na busca da filosofia da reportagensaió nos sentidos humanos. O trabalho propõe as noções de oratura, escritura e reportagensaió, para revisitar a prática das narrativas à luz das teorias da folkcomunicação e da cultura.

Palavras-chave

Oratura; escritura; reportagensaió; narrativa; folkcomunicação.

Corpo do trabalho

A arquitetura é a procura da beleza.
Oscar Niemeyer

A revista Reportagensaió³ trata da história de vida de dois escultores latino-americanos: um brasileiro e outro, colombiano, rumo ao mar aberto das areias.⁴ E de novo aqui a realidade dos seres de carne e osso, supera em muito a imaginação humana. Eis uma publicação que adota uma atitude fortemente humanista, resgatando a dignidade de indivíduos e de grupos sociais despercebidos pela mídia habitual. A Reportagensaió explora a jornada de dois artistas que percorrem o mundo esculpindo castelos de areia em praias, shoppings e centros culturais. Mas o colombiano Alonso Días-Gómez e o adolescente Rogean Rodrigues (ex-morador da favela do Pavão, no Rio) não querem apenas fazer arte. Suas complexas obras efêmeras se eternizam em duas missões nobres: transmitir essa arte para crianças carentes e um dia, quem sabe, criar um “museu das areias”.

¹ Trabalho apresentado ao NP-17 Folkcomunicação do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Jorge Tadeo Lozano da Colômbia. Mestre e Doutor pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, na área: epistemologia do jornalismo. Coordenador do Curso de Comunicação Social–Habitação Jornalismo da Universidade de Uberaba, MG. E-mail: raul.vargas@uniube.br

³ Ano 1-Nº1, Dezembro 2003-Novembro2004. Uberaba, MG. Castelos de Sonhos: Andarilho Alonso Gómez-Díaz esculpe eternidades efêmeras na areia. Número de Registro de Direitos Autorais: 315.610. ISSN: 1806-3357. E-mail: reportagensaió@yahoo.com.br; <http://www.revelacaoonline.uniube.br/reportagensaió/>

⁴ www.revelacaoonline.uniube.br/2004/286/historiadevida.html



Prelúdio

...no princípio, a comunicação foi oral. Em seu caminho, o ser humano criou o desenho, o ideograma, o alfabeto, a escrita, a imprensa. Mas teve que passar pelos gestos, pelos tambores, pelos sinais de fumaça e pelos corredores que atravessavam grandes trilhas. As mensagens iam de boca em boca. Um homem corria a distância (daí provém o nome correio) até a posta⁵ seguinte e contava para seu parceiro de ofício os acontecimentos, e assim sucessivamente. Eles foram os comunicadores pioneiros, responsáveis pelas primeiras “reportagens” faladas. Os *chasquis*,⁶ do Peru, percorriam 400 quilômetros em várias etapas para transmitir mensagens por meio do *quipu*.⁷ No México, os corredores *paguanis* levaram a Montezuma a notícia da chegada de Hernán Cortés a Tabasco em 12 de março de 1519.

Também a poesia, modo de criação anterior à escrita, no alvorecer da humanidade, era transmitida oralmente. Dos aedos gregos, da lírica dos trovadores e dos repentistas e cancioneiros populares, chegamos até a reportagem-ensaio. Com a invenção do papel no ano 105, os chineses dotaram a humanidade de um novo material para a escrita. No ano 900, já havia fábricas de papel em Damasco e Bagdá. Na Europa, a primeira fábrica de papel-linho foi construída em Valência (Jativa), mas foi na Itália e na Alemanha que a notícia manuscrita teve seu apogeu no século XV. O termo jornalístico *repórter* tem sua origem nos *rapportisti* de Veneza. A palavra provém do latim *reportare*: transmitir, descobrir.

A história relata que a impressão com tipos móveis de madeira foi conhecida na China em épocas remotas. Mas foi João Gensfleisch, mais conhecido como Gutenberg, que, em 1436, criou os tipos móveis de metal e desenvolveu os fundamentos da impressão. Nas primeiras folhas impressas começaram a ser publicados os fatos mais variados. Apesar da maioria ser relatos em prosa, o estilo que provinha da época das notícias orais (obra de jograis, arautos e pregoeiros) não havia sido esquecido, pois algumas dessas folhas contavam os fatos em versos.

A “reportagem” primitiva poderia ser definida como uma espécie de rapsódia, construída com a liberdade das falas que têm sido estudadas pela análise estrutural

⁵ *S. f.* Posto de parada outrora situado nas estradas, de espaço a espaço, onde se efetuava a muda dos cavalos das diligências e outros veículos, ou do serviço de correio. (Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa).

⁶ Mensageiro, correio.

⁷ Cordas de diversas cores penduradas em um pau, nas quais são feitas nós de diferentes tamanhos. Cada nó e cada cor representam um acontecimento no calendário Inca. Desta maneira, eles teciam sua história. Muitos *quipus* foram queimados pelos colonizadores espanhóis.



propriamente dita, aplicando-se, sobretudo, à narrativa oral (mito). Contudo, ao revisarmos a história das narrativas, devemos *contrastar* essa veia criativa: oralidade-reportagem. Ao longo da história, o ato de narrar por meio da reportagem tem-se nutrido de conversas, diálogos, depoimentos, falas, relatos e entrevistas para criar inovadoras formas de contar.

A reportagem-ensaio aprofunda nas causas, explica os detalhes, analisa os fatos, reproduz o ambiente. Nela, estão presentes as observações, as vivências, os descobrimentos. Mistura com sabedoria a indagação minuciosa, a pesquisa e a dimensão estética, com todos os seus recursos narrativos. Por tudo isso, converteu-se no gênero mestre da comunicação no século 20, e tem sido chamada de várias formas: grande reportagem, de profundidade, glorificada, interpretativa, de terceira dimensão, de autor.

“No princípio, foi o verbo *Reportare* [do latim], que significa transmitir, descobrir, anunciar, trazer novas. *Re* [do latim] antepõe-se a verbos e designa movimento para trás, aí está o passado. *Portar* é carregar consigo. Aqui temos o presente caminhando para o futuro. *Repor* é recolocar, reconstituir. Assim, reportar é revolver sobre si. O repórter *porte la parole* (toma a palavra) para nos levar de volta. À *portée de la voix* (ao alcance da voz) uma palavra antiga, *reportare*, vira uma expressão nova: *news report* em inglês, *reportage* em italiano e francês, *reportaje* em espanhol, *reportagem* em português. Porta letras, porta voz ou, ainda, porta vida, o neologismo traz uma hermenêutica, porque ele mesmo é uma arte da interpretação e compreensão; já não dos textos sagrados, porém da vida mesma. Para interpretar, primeiro temos que compreender e, para isso, precisamos mergulhar no Ser Humano. O reportar encerra em si uma paixão: o desafio de conhecer, descobrir e relatar, não só com o cérebro, também com o coração, todos os sentidos, e nos múltiplos tempos e espaços. Eis outra forma de reviver o acontecido.”⁸

Proponho que esta forma de indagação de contextos sociais e de escrita, que tem como características a imersão, a voz, a exatidão e o simbolismo, seja chamada de reportagem-ensaio, ou melhor, reportagensaio: descobrir, reconstituir e transmitir ensaiando.

Reportagensaio concebida como narração detalhada de situações e conversas da vida cotidiana dos seres humanos que vivem em espaços e tempos. Ela parte do fato verídico, procurando as explicações mais sutis, empreendendo uma viagem de retorno, até encontrar uma composição criativa com suas múltiplas vozes. Como pesquisa, pode ser considerada uma atividade lúdica que apanha diversas perspectivas em contraponto, exacerba dinamicamente os contrastes e nos faz descobrir novas maneiras de ler ou de ver o já visto ou lido. A reportagem, de entonação muito diversa, também é *ensaio*, com

⁸ VARGAS, Raul Osório. *A Reportagem Literária no Limiar do Século 21. (O ato de reportar, os jovens narradores e o Projeto São Paulo de Perfil)*. Dissertação de Mestrado, São Paulo, ECA, USP, Dezembro de 1998, p. 18.



alternativas de visão de mundo e cheia de histórias de vida. Reportagem como verdadeiros ensaios sobre vidas, a partir da convivência e da observação de pessoas comuns. Comunicação de ensaios sociais a partir da história de pessoas comuns, dos viajantes seres humanos assimilados na cultura que os acolhe. Pessoas vindas de lugares distantes para mudar suas vidas, sua língua, suas idéias na medida do possível e adaptem-se a um mundo “novo”.

Hoje, na reportagensaio, estão presentes a Psicologia Social, a Filosofia, a Sociologia, como também o atrativo das técnicas narrativas trazidas do conto e do romance, oferecendo ao comunicador e ao leitor as ilimitadas possibilidades do “gênero”.

Todos esses recursos fundem-se nas mãos do comunicador para levar os *ensaios sociais* por novos caminhos. No entanto, são as memórias e as lembranças que nos levam até a emoção, para ler a vida real. Nesta visão é que se atingem as *Narrativas da Folkcomunicação*, formas de conhecimento com complexas lógicas que lêem a vida como “viagem etnográfica”, é dizer, como folkcomunicação esse “processo de intercâmbio de mensagens através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore e, entre as suas manifestações, algumas possuem caráter e conteúdo jornalístico, constituindo-se em veículos adequados à promoção de mudança social”.⁹ Poder-se-ia afirmar que praticar a reportagensaio é como fazer pesquisa social do presente, por isso ela deve procurar novos métodos para tornar as histórias mais interessantes e próximas do cotidiano das pessoas, constituindo a linha de compreensão que coloca em diálogo as diversas vozes que atuam nos fatos.

Toda a evolução da reportagensaio tem estado ligada à oratura do ser humano. Com Manuel Rui, escritor-ensaísta e poeta angolano, podemos dizer que o oral é texto e não apenas pela fala, porque há árvores, crianças, cenas comunitárias, gestos, sons, danças, braços, olhos, bocas, rituais: texto falado, ouvido e visto. Oratura em percurso, cheia da cosmicidade do rito¹⁰. Oratura: relato da oralidade popular. “A cultura popular, tomada na expressão de oratura, está à flor da pele na sociedade (...). O relato cultural vivo permanece disponível, apesar de o povo ter uma visão bastante crítica do jornalista que não ouve”.¹¹

⁹ BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001, p. 73.

¹⁰ RUI, Manuel. “Eu e o outro – O Invasor ou em poucas três linhas uma maneira de pensar o texto”. In: MEDINA, Cremilda. *Sonha Mamana África*. São Paulo, Edições Epopéia, 1987, pp. 308-310.

¹¹ MEDINA, Cremilda. “Jornalismo e a Epistemologia da Complexidade”. In: MEDINA, Cremilda (org.). *Novo Pacto da Ciência I: A Crise dos Paradigmas - 1º Seminário Transdisciplinar*. São Paulo, ECA/USP, 1991, p. 198.



No entanto, a oratura já não é aquela originária. Algumas pesquisas afirmam que o *homo sapiens* existe há mais de 30 mil anos, mas o escrito mais antigo data de apenas seis mil. Podemos dizer, com Walter Ong, que nossa compreensão das diferenças entre a oralidade e a escrita nasceu apenas na era eletrônica, que é também a era da “oralidade secundária”¹²: a oralidade dos telefones, da rádio e da televisão, que dependem da escrita e da impressão para sua existência.

A reportagem não representa uma exceção a esse processo. Como filha da modernidade, tem recebido valiosas contribuições da oratura. Essa oratura se faz igualmente presente na literatura. Como na obra escrita por Guimarães Rosa, que aproveita as falas de Manuel Nardi, mais conhecido como Manuelzão, em parte da sua obra. Da convivência com os vaqueiros e homens do sertão, Guimarães Rosa cria o conto **Uma estória de amor**, narrativa da festa de fundação da fazenda Samarra, organizada por Manuelzão.

A oratura, em seu espaço e tempo de hoje, na era da imagem eletrônica, da informática, da cibernética, perpetua-se na história dos povos ao mesmo tempo em que as reportagens são formas de folkcomunicação. Assim, depois dos enormes avanços tecnológicos nos diversos meios de comunicação – imprensa, rádio, cinema, televisão e internet –, é um fato que a imprensa escrita (jornais, revistas, livros e publicações periódicas em geral) modernizou sua infra-estrutura e tecnologia. A imprensa que Gutenberg pôs em marcha em 1436 faz-se agora CD-ROM e, até mesmo, via satélite. Mas a matéria-prima continua sendo nossa *oratura*. A narrativa da reportagem, com seus níveis de fala, constitui uma produção de sentidos da atualidade, que parte da leitura de fatos sociais vividos pelo ser humano em seu cotidiano, e os incorpora à sua estrutura simbólica. Para encontrar a essência da relação oratura-reportagem, temos que abordar a viagem feita por nós, seres humanos: primeiro, o silêncio, logo, a voz, depois, o alfabeto, mais tarde, o papel, essa folhinha fina feita com massa de diversos materiais, na qual se escreve e imprime a oratura. O pensamento, utilizado ao falar e ao escrever, é renovado. Essa passagem da oratura à escrita moderna tem criado uma memória narrativa contra o esquecimento e dado a conhecer os acontecimentos da vida. Como Heródoto, o pai da historiografia ocidental, que na Antiguidade fez a reportagem histórica das guerras persas, agora a reportagem se converte na arte da escritura.

¹² ONG, Walter J. *Oralidad y Escritura: Tecnologías de la palabra*. Santafé de Bogotá, Colombia, Fondo de Cultura Económica, 1996.



“(...) ‘escritura’, no caso, um espaço da linguagem em que a narrativa e o discurso perdem seus caracteres definidores e entram em regime de cruzamento e simultaneidade. (...) *escritura* seria, a rigor, um exercício fenomenológico que tem por objeto as relações entre a consciência e a palavra, o *eu* e o ato de escrever.”¹³

A hipótese é que a reportagensaio pode responder à responsabilidade social e aos desafios do repórter, como descobrir e narrar o mundo contemporâneo, e assim escrever uma parte da história da humanidade. Isso porque suas reportagensaios passarão, no futuro, a ser documentos de contexto muito valiosos para historiadores, sociólogos e pesquisadores em geral. No processo de pesquisa e de elaboração da reportagensaio, a oratura ocupa lugar transcendental. Feitura ou modo de fazer, que é um tecido detalhado dos fatos e está vinculado aos principais interrogantes do ser humano, delineados pelas diferentes áreas do conhecimento como são as fontes orais, o processo da memória, a interpretação e a relação sujeito-objeto-sujeito. Por mais que a reportagensaio seja criativa e aberta às realidades que pesquisa, não é ficção, e tem se convertido em alternativa para o futuro da comunicação, inclusive para fazer pequenos capítulos da história atual. Mas, para continuar evoluindo, é preciso encontrar novos métodos.

Uma verdade reconhecida é que o rigor não tira a criatividade. Esta pesquisa considera que a realidade social existe, e só a partir dela se faz reportagensaio para contextualizar sua narrativa. Este é um intento de busca para averiguar o que se sucede em nossa sociedade. A história não terminou e, na reconstrução de nossa memória, os relatos falados são fundamentais. A oratura, que tem sido à base do desenvolvimento da narrativa humana, volta hoje revitalizada para encher os vazios da comunicação e recriar as narrativas do século 21.

Ensaio de narrativa na paragem da folkcomunicação expressada nos diálogos oratura-escritura, nas histórias de vida dos seres humanos, escultores de seu cotidiano, e nos caminhos e descaminhos da memória como experiência participada. Todos na aventura humana, processo no qual somos modificados, tomamos e damos, e em um orgasmo de esperanças construímos nosso longo experimento cultural de reportagensaio: rio de múltiplos braços, “gênero” aberto ou formas de conhecimento imprevistas e em andamento sinuoso. Visões de mundo como experiência compartilhada que diz respeito a todos. Oraturas em andança ou dança de escrituras, narrativas da folkcomunicação e – porque não? – poética dos tempos contemporâneos.

¹³ BOSI, Alfredo. “Apresentação”. In: DAL FARRA, Maria Lúcia. *O narrador ensimesmado (O foco narrativo em Vergílio Ferreira)*. São Paulo, Ática, 1978, p. 13.



Folkcomunicando

Esta forma de se expressar tem o poder iluminador das várias vozes, da combinatória e constelação de sentidos e sentimentos. A escritura da reportagem é feita de sinais inumeráveis: flagrantes, participação na vida do próximo, movimentação da lembrança de um passado que continua e se suspende na instância privilegiada de nossa relação com o mundo. A reportagem é uma arte baseada na observação participativa que difunde cores, luzes e todos os possíveis tons dos prismas das chamadas *Realidades Humanas*. Esse rever é como transitar com uma visão de conjunto costurada pelo detalhe, onde encontramos a ausência de hierarquia de motivos, com elementos distribuídos harmoniosamente na narrativa da reportagem. Cenas da vida cotidiana. Reportagem é grãos de areia conformando a obra que algum dia vai ser.

Ela exalta ou destrói estruturas e se aproxima das memórias em um desfilar de relatos que são mais insinuações do que histórias fechadas. Sabe-se lá por que armadilha a memória terá lembrado. Quem não é visto não é lembrado. Ensaio como catadura (semblante) da oratura do Humano Ser.

O ensaio é a forma de nosso tempo e a janela que nos deixa ver a luz. Através dele podemos conferir a claridade e a escuridão. Luz que ilumina o espírito. Pólos opostos, múltiplas significações que nos levam pelo caminho da contradição razão-sentimento, inteligência-sentidos, para depois nos colocar na complexa e mágica realidade cuja história não é para ser acreditada, mas para ser compreendida. O ensaio denuncia o poder e as injustiças e traz à tona a memória do imaginário e do imaginado.

Também é passado histórico, olhar do mundo e utopia redentora. Ele é a impressão digital do autor, música e dança de sua fala interior. Conversa íntima. *Falas ao pé do fogo*. Chama interior que conversa, sempre muito amigável, com as pessoas simples em uma empatia, quero dizer, na capacidade de sentir o que outro sente.

Química de seres... história, sociologia, direito, na serenidade do encontro com a música interna... oratura sempre contemporânea. Cruzamento entre uma obra pessoal e social, fragmento de vida, cujas percepções e sondagens experimentam os mitos fundadores da humanidade que viajam no universo da folkcomunicação. Com os sabores, os cheiros, os múltiplos sentidos, as visões de mundo e as dimensões internas, entramos no mato da nossa memória coletiva para fazer aí a chamada escritura: a reportagem, via da sintonia narrativa (sensível) contemporânea. Assim, vamos ao nosso presente vivo. Da mão desses cruzamentos mestiços de sensação, assistimos à fundação da outra narrativa para nos encontrar com o olhar de um sobre o outro.



Para viver o grande relato é preciso que ele volte à essência da comunicação: as falas, essa comunhão que traz aos seres humanos a revelação dos caminhos a percorrer. Um comunicar que tenta saber quem somos, dimensão ontológica da peregrinação existencial. Mas, como agir nessa folkcomunicação? A decisão impõe várias escolhas, o engajamento nas múltiplas realidades e nos mais comuns atos da vida: comer, beber, dormir, trabalhar, ou seja, o agir do Humano Ser. Porque quando o pesquisador fica ensimesmado e se interessa só pelo modo “objetivo” de fazer, esquecendo o *sentido da existência* dos entrevistados enquanto *experiência coletiva*, fica em contatos rápidos e superficiais, que se exprimem em um gaguejar-informe, apagando a oratura em processo de *folkcomunicação*. Com Jesús Martin-Barbero dizemos que...

“de una manera peculiar, la modernidad habla en América Latina de la profunda compenetración – la complicidad e la complejidad de relaciones – entre la oralidad que perdura como experiencia cultural primaria de las mayorías y la ‘oralidad secundaria’ que tejen y organizan las gramáticas de la visualidad electrónica. Cómo seguir pensando separadas la memoria y la modernidad – y la modernidad ilustradamente anclada en el libro – cuando en América Latina las mayorías acceden y se apropian de la modernidad sin dejar su cultura oral; cuando la dinámica de las transformaciones que calan en la cultura cotidiana de las mayorías proviene de la desterritorialización y las hibridaciones culturales que propician y agencian los medios masivos en su desconcertante convergencia con estratos profundos de la memoria colectiva sacados a la superficie por las bruscas alteraciones del tejido social que la propia aceleración modernizadora comporta?”¹⁴

Mas os pesquisadores da objetividade preferem se ater às regras do exercício “racional”, em vez de mergulhar nos diversos processos da vida dos seres humanos, deixando de falar da oratura. O verbo humano é esmagado pelo peso do princípio da objetividade. Entanto, nos caminhos da reportagensaio com toda inteligência, com toda vontade, com todos os sentidos, o pesquisador-observador participante se une ao outro para conhecer em profundidade. Eis, uma filosofia da comunicação e uma epistemologia da reportagensaio. Esquecer isto é caminhar por uma comunicação que se conforma, sem nenhuma dinâmica, com as formas convencionais que se aplicam para satisfazer as exigências da mídia. A elaboração dessas visões discursivas acaba por encobrir, “fazer cobertura”, as realidades vitais.

Assim, a comunicação é sufocada sob uma estrutura racionalista, fazendo do relato de vida uma fria lógica e uma rigidez racional, congelando, petrificando e não

¹⁴ MARTIN-BARBERO, Jesús. “Comunicación y crisis cultural: El descentramiento de la modernidad”. In: *Revista Universidad del Valle*, Cali, Mayo, 1995, p. 7.



reportando em dimensões da vida, ou seja, viva em si mesma e em nós vivida como vitalidade existencial, obviamente sem cair no subjetivismo desenfreado.

Oratura palavra viva

A reportagensaio é uma experiência viva, um ato humano no qual a busca e a descoberta permeiam o trabalho do pesquisador no caminho para superar o pretendido objetivismo. Ela coloca sua atenção no sujeito, já que toda voz individual forma parte de um diálogo, de um encontro, de conversas com o outro, que quanto mais avançam, mais solidamente nossos eus se fundem.

Na reportagensaio, a conversa se faz relato espontâneo que vai construir o documento histórico e, nesse processo, no centro do trabalho do pesquisador, está a liberdade como valor supremo do Ser Humano. A experiência de vida como prática das realidades do sujeito marca a presença existencial no relacionamento com o mundo, que visto por meio de observações participantes empíricas nos vários encontros, vai descobrir os sentidos das histórias de vida. Desta forma a abordagem empírica e experimental como vivência individual não apaga a realidade, mas a incorpora. No trabalho do diálogo somos sujeitos e objetos da experiência da oratura, que, ao mesmo tempo, é pensamento e ação. Oratura que age como pensamento para se converter em rico material histórico. Testemunho vigoroso de fidelidade ao mais profundo do Humano Ser. São as conversas sobre a alma das pessoas, e é por meio destes diálogos que recontamos a história a partir de uma perspectiva aberta, inédita e com o sabor da vida. Saber saboroso. É que saber e sabor provem do latim *sapere*. Aí, a etimologia nos permite o contato com a dimensão menos “inteligente” (mais sentida, outra inteligência) e mais analfabeta (menos letrada ainda que mais vivente das palavras). Eis porque todos os seres humanos são intelectuais. Como sabemos “é impossível falar de não-intelectuais, porque não existem não-intelectuais”.¹⁵

Essa outra inteligência mais analfabeta e mais saborosa parte e contribui para a consolidação das profundas afinidades entre a comunicação, a cultura e a história –não como historicismo mas como possibilidade de uma história aberta e democrática que, em lugar de apagar os excluídos e silenciados, permite transitar pelas esferas dos diálogos possíveis. Já que a reportagensaio nesta visão de mundo é um imenso aporte à história pública, capaz de fazer veicular o saber em sua dimensão social mais ampla.

¹⁵ GRAMSCI, Antônio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1985, p. 7.

O diálogo social é a revelação que corre atrás da comunhão pessoa a pessoa, e, em uma co-participação do indivíduo no ato de pensar, faz recontecer a história dos esquecidos, dos chamados analfabetos.

“O analfabetismo não é a exceção, e sim a regra. (...) foi o analfabeto que inventou a literatura. Suas formas elementares, do mito à canção de ninar, do conto de fadas ao canto, da oração à charada, são todas mais antigas que a escrita. Sem a transmissão oral não existiria a poesia, e sem os analfabetos não haveria livros.”¹⁶

Mas para Enzensberger, a questão não fica por aí, já que existe o outro – sempre existirá o outro –, o analfabeto secundário. “Ele é uma pessoa de sorte, pois não sofre com a perda da memória. (...) O fato de o analfabeto secundário não ter idéia de que é um analfabeto secundário contribui para seu bem-estar”.¹⁷ Mas qual é a diferença entre eles? Que o analfabeto tem uma memória prodigiosa, habilidade em se concentrar, astúcia, inventividade, tenacidade e aguçado sentido auditivo. E mais... “Na maior parte dos casos, as principais posições na política e na economia são ocupadas pelos analfabetos secundários. Nesse sentido, basta uma simples referência ao atual presidente dos Estados Unidos e ao atual chanceler da Alemanha.”¹⁸ Porém, são os atributos do verdadeiro analfabeto que fazem possível o diálogo, o encontro, a conversa profunda, onde ele fica com a última palavra, “pois nada mais necessita do que uma voz e um ouvido”.¹⁹

Nesta visão, a reportagensaió é uma história pública para os ouvidos, espécie de carnavalização onde desaparece a diferença entre atores e espectadores, ou seja, entre sujeito e objeto. Não temos possibilidade, disse Mikhail Bakhtin, de permanecer fora do carnaval como observadores, sem ser afetados por ele. A reportagensaió é o detalhe que revela o todo. A alma do Humano Ser é sua projeção. Quem pronuncia a palavra faz a palavra. Ele é o sujeito da palavra e o signo acontecendo. Ele como sujeito não é, ele acontece como pensamento, fala e ação, por isso a palavra é um ato de existência, e a oratura convida para os experimentos e para o desafio do encontro que vai além do conhecimento superficial, para descobrir os significados dos seres humanos, transferência do conhecimento profundo e sensibilizado. Memórias que ancoram na experiência que questiona os valores mais recônditos de nossas vidas, procurando a nitidez dos fatos. O outro é uma realidade falada e subjetiva, agindo em nossos

¹⁶ ENZENSBERGER, Hans Magnus. “Elogio ao analfabetismo”. In: *Mediocridade e loucura e outros ensaios*, São Paulo, Editora Ática, 1985, p.44.

¹⁷ Idem, p. 49.

¹⁸ Idem, p. 52.

¹⁹ Idem, p. 54.



pensamentos. Por sua vez o folkcomunicação trata de compreender o sentido dos acontecimentos falados: ato subjetivo. Diálogo de sujeitos, fala de analfabetos primigênicos, conversas intensas que falam do presente, do momento que estamos vivendo, que vai para o passado. O que é falado nos transforma. Aqui o acontecer é como ser contado porque a essência é o encontro. Dessa forma a reportagem é uma alternativa de visão de mundo, que se interessa pela história dos silenciados e de todos aqueles que aparentemente não têm história. Ela caminha pela memória individual, social e política. Aqui oratura não é letra morta é sim palavra viva e o trabalho do folkcomunicação deve pretender, pelo menos, “ser uma tradução, a mais próxima possível, do que nossos olhos, ingênuos então, viram, e do que nossa perplexidade suscitou.”²⁰

É evidente que a escrita é uma questão de poder e que o analfabeto não é um ser “absolutamente ou muito ignorante.”²¹ Os analfabetos vêm falando ao longo de um milhão de anos, ainda que os alfabetizados (analfabetos secundários) venham lendo e escrevendo desde há pouco mais de 3 mil anos antes de Cristo. De alguma maneira, a escrita se converteu em um meio de comunicação que foi apropriado por uma minúscula minoria de pessoas que lêem e escrevem. Mas nossa cultura, a individual, a interna, a social, é oral no pensamento; o discurso é falado no cérebro. A voz e a imagem são o ponto de partida de nossa narrativa oral. “A imagem poética nos coloca diante da origem do ser falante.”²² A magia da palavra que todos descobrimos na partilha, no encontro da comunidade. Confluência. O retorno à unidade depois da separação. O fluxo do fato-fala que nos arrasta no movimento contínuo do encadeamento dos atos humanos: oratura de nossas vidas. Circularidade que vem da reunião. Nessa narrativa de palavras que projetam imagens, viajamos até a fogueira comunitária (mandala)²³, em torno da qual se multiplica a cultura oral. A fogueira e o lar simbolizam a sociedade humana e sua união em torno de uma forma, de um ser comum e vivo: o fogo, penetração ou absorção e, sobretudo, o motor da regeneração periódica. Fogueiras, fogos, falas, fatos... mandalas em busca de seu centro, formas circulares, veículos na busca de autoconhecimento. Processo de presentificação do sujeito em todas suas dimensões. Caminhos para chegar ao nosso próprio centro e ao estado de compreensão

²⁰ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Canto de morte - Kaiowá*. São Paulo: Edições Loyola, 1991, p. 10.

²¹ Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1995, p. 40.

²² BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Abril Cultural, (Os pensadores) 1978, p. 187.

²³ Segundo Carl Jung: “Símbolo do centro, da meta e de si mesmo, enquanto totalidade psíquica; auto-representação de um processo psíquico de centralização da personalidade, produção de um centro novo desta última”.



que permite ver o mundo presente como ele é: transitório, dinâmico e contraditório. As imagens vêm à nossa mente e se concretizam com a oratura, eis o poder da palavra. Enquanto vamos falando, as idéias de nossa fala ficam mais claras. Na medida em que falamos, no encontro com o outro, flui com mais facilidade nossa lembrança, aí é que estamos construindo memória, e sempre que vamos a ela, que a invocamos, temos noção de nossa trajetória, de nossa reportagensaio.

Os métodos do pesquisador, para superar o paradigma da objetividade devem ir além do estudo sujeito-objeto, caindo na imprescindível relação sujeito-sujeito traspassada pelo crivo das realidades. “A categoria do *Outro* é tão original quanto à própria consciência. Nas sociedades mais primitivas, nas mitologias mais antigas encontra-se sempre uma dualidade que é a do mesmo e a do outro”²⁴. Esse modo de proceder do pesquisador reflete sua visão de mundo e sua moral de vida que se concretiza em sua ética para tratar o outro. É que a fala trata do tecido da ação e da intencionalidade humanas. É que não se pode defender uma interpretação sem adotar uma atitude moral e de fala. É no descobrimento do outro e de como compreendê-lo no complexo mundo das diferenças que me confronto, como se fosse outro.

“(…) a alteridade é uma categoria fundamental do pensamento humano. Nenhuma coletividade se define nunca como Uma sem colocar imediatamente a Outra diante de si. (...) Não há descrição, dita objetiva, que não se erga sobre um fundo ético. (...) Todo indivíduo que se preocupa em justificar sua existência sente-a como uma necessidade indefinida de se transcender.”²⁵

O sujeito não como o *absoluto*, mas como uma conjunção de experiências profundas com o Outro. A transcendência de todo indivíduo vai aliada à sua pretensão de se afirmar como sujeito, pretensão ética que é o caminho da existência e o reconhecimento no Outro e nas profundas cumplicidades humanas. E como chegar lá? No encontro. O encontro é, por natureza, plural, sem desconhecer a singularidade. O encontro é uma reciprocidade, uma partilha igual. Onde a palavra Ser cobra uma dimensão humana de reconhecimento do semelhante, em uma existência para si e para os Outros, na experiência concreta da vida. Conhecendo intimamente o outro em um esforço de lucidez lúdico. Reportagensaio como ação social, produção de sentido, conhecimento e formação do sujeito social. A reportagensaio é inerente à vida humana e ela está em busca de uma escritura a partir da oratura. É a experiência de mãos dadas

²⁴ BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970, p. 11.

²⁵ Idem, nota 24, p. 11, 22 e 23.



com a tradição oral. Para a qual é fundamental um ouvido refinadíssimo para captar o mundo do avesso oculto no temperamento das pessoas. Preceito para uma reportagem cotidiana do presente. Reflexões para uma folkcomunicação humanista e democrática, capaz de transmitir o mundo das vivências e das atmosferas onde moram os seres humanos, quero dizer, *habitat* nas profundezas do Humano Ser. O folkcomunicador é um autor que não tem mais remédio que respirar o mundo. O folkcomunicador é um ensaísta da construção e da resignificação da memória. Infalível sonho da humanidade. “As palavras são símbolos que postulam uma memória compartilhada”.²⁶ Mas que espelho é esse da memória? Entrevistar para quê? Entrevista olhada, escutada e sentida como diálogo, encontro, conversa profunda de comunhão, método da reportagem, disciplina que produz conhecimento, saberes como sentires e sabores de um mundo mais humano e menos teoricista. E o poder do silêncio, onde é que fica? No convívio íntimo, já que também ele é uma expressividade e um dizer de nossa vida. Ainda que o lembrar cumpre uma função de diálogo, o calar expressa o não dito, que é uma forma do dizer. Os silêncios contam porque são atos de resistência. Em última instância, diálogo polifônico que acaba com o poder dos “letrados” e “transforma uma entrevista de campo num experimento em igualdade.”²⁷

Assim, o repórter enveredará pela compreensão como desafio de se incorporar no outro, para escrever sua oratura e para dizer, com Borges: “Senti, na última página, que minha narrativa era um símbolo do homem que eu fui enquanto escrevia, e que, para escrever essa narrativa, fui obrigado a ser aquele homem e que, para ser aquele homem, tive de escrever essa narrativa, e assim até o infinito. (No instante em que deixo de acreditar nele, ‘Averróis’ desaparece).”²⁸

Referências bibliográficas

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Abril Cultural, (Os pensadores) 1978.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

²⁶ BORGES, Jorge Luis. “El Congreso”. In: *El libro de arena*. Barcelona: Plaza & János Editores, 1977, p. 44.

²⁷ PORTELLI, Alessandro. “Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade”. In: *Projeto História, revista do programa de estudos de pós-graduados em História e do departamento de História*. São Paulo: PUC-SP, n° 14, Fevereiro/1997, p. 10.

²⁸ BORGES, Jorge Luis. “A busca de Averróis”. In: *O Aleph*.



BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001.

BORGES, Jorge Luis. “El Congreso”. In: *El libro de arena*. Barcelona: Plaza & János Editores, 1977.

BOSI, Alfredo. “Apresentação”. In: DAL FARRA, Maria Lúcia. *O narrador ensimesmado (O foco narrativo em Vergílio Ferreira)*. São Paulo, Ática, 1978.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. “Elogio ao analfabetismo”. In: *Mediocridade e loucura e outros ensaios*, São Paulo, Editora Ática, 1985.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1999.

GRAMSCI, Antônio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1985.

JUNG, Carl G. *O Homem e seus Símbolos*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1999.

MARTIN-BARBERO, Jesús. “Comunicación y crisis cultural: El descentramiento de la modernidad”. In: *Revista Universidad del Valle*, Cali, Mayo, 1995.

MEDINA, Cremilda. “Jornalismo e a Epistemologia da Complexidade”. In: MEDINA, Cremilda (org.). *Novo Pacto da Ciência I: A Crise dos Paradigmas - 1º Seminário Transdisciplinar*. São Paulo, ECA/USP, 1991.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Canto de morte - Kaiowá*. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

ONG, Walter J. *Oralidade y Escritura: Tecnologias de la palabra*. Santafé de Bogotá, Colombia, Fondo de Cultura Económica, 1996.

PORTELLI, Alessandro. “Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade”. In: *Projeto História, revista do programa de estudos de pós-graduados em História e do departamento de História*. São Paulo: PUC-SP, n° 14, Fevereiro/1997.

RUI, Manuel. “Eu e o outro – O Invasor ou em poucas três linhas uma maneira de pensar o texto”. In: MEDINA, Cremilda. *Sonha Mamana África*. São Paulo, Edições Epopéia, 1987.



VARGAS, Raul Osório. *A Reportagem Literária no Limiar do Século 21. (O ato de reportar, os jovens narradores e o Projeto São Paulo de Perfil)*. Dissertação de Mestrado, São Paulo, ECA, USP, Dezembro de 1998.

VARGAS, Raul Osório. *O lugar da fala na pesquisa da reportagensaio: “O homem das areias um flagrante do diálogo oratura-escritura*. Tese de Doutorado, São Paulo, ECA, USP, Maio de 2003.